

Política



RECOMENDAÇÃO DE LULA IGNORADA
PT vai apoiar atos contra o golpe de 1964



CONTENÇÃO DE DESGASTES

Lewandowski usa caso Marielle para tentar mudar imagem na segurança após crise da fuga de Mossoró

JENNIFER GULANTE E
MARIANA NUNES
publica@oglobo.com.br

Dois meses após assumir o cargo, o ministro Ricardo Lewandowski (Justiça) aposta no caso Marielle Franco para tentar reduzir os desgastes do governo na área de segurança pública e reverter o impacto negativo da fuga inédita de dois presos do sistema penitenciário federal, logo em sua largada na função. A prisão efetuada pela Polícia Federal dos mandantes dos assassinatos da vereadora e do motorista Anderson Gomes, no último domingo, é visto como chance de virada de página, no momento em que outro eixo, a atuação em Mossoró (RN), passará por uma mudança de estratégia. A presença da Força Nacional, que expira amanhã, não deverá ser renovada, e a tendência é que a operação de recaptura saia de uma fase ostensiva para uma etapa mais focada em ações de inteligência.

A segurança pública, assunto que rende fôlego ao bolsonarismo, tem ocupado boa parte da agenda de Lewandowski. Na última semana, foram duas entrevistas coletivas sobre o caso Marielle — a mais recente no domingo, quando deu detalhes das três prisões e leu trechos do relatório da PF. No dia seguinte, foi a Macéio inaugurar um centro integrado de segurança, com participação de uma reunião com autoridades locais, enquanto na terça-feira, já de volta a Brasília, recebeu governadores do Sul e Sudeste e ouviu propostas para endurecer punições contra criminosos. Também em iniciativa direcionada aos estados, pretende intensificar encontros para tratar da alocação de recursos do Fundo Nacional de Segurança Pública.

Dados de uma pesquisa Quast divulgada em novembro do ano passado, quando pasta de Justiça era comandada por Flávio Dino, hoje ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), mostrou uma piora na percepção de violência do brasileiro no primeiro ano da gestão do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Para 79% dos entrevistados, a violência no país aumentou. Houve empate na avaliação do trabalho do presidente na segurança pública em relação ao antecessor, Jair Bolsonaro (43% acham que é melhor e 43%, pior).

CRÍTICAS INTERNAS

A apresentação dos supostos mandantes do caso Marielle deu um respiro ao governo. Logo após dar as explicações públicas, Lewandowski conversou com Lula e, segundo interlocutores do ministro, ouviu elogios sobre a elucidação do caso. O tema é caro ao governo fe-



Estratégia. Ministro Lewandowski busca reverter impacto negativo da fuga inédita de presos no sistema penitenciário federal com resultados do caso Marielle



Fuga em Mossoró. Operação na zona rural de Baradão: buscas sem sucesso



Prisão. Chiquinho Brazão chega a Brasília: acusado de mandar matar Marielle



Com diálogo. Lewandowski, ao centro, recebe governadores de Sul e Sudeste

deral, tendo em vista que Anielle Franco, irmã de Marielle, é ministra da Igualdade Racial. O deputado federal Chiquinho Brazão (sem partido-RJ) e o conselheiro do Tribunal de Contas do Estado do Rio (TCE-RJ) Domingos Brazão foram presos sob suspeita de terem contratado Ronnie Lessa para fazer os disparos, enquanto o ex-chefe da Polícia Civil Rivaldo Barbosa, tam-

INSEGURANÇA ENTRE OS BRASILEIROS

Pesquisa da Quast/UFGM mostrou piora na percepção da violência em novembro, antes de Lewandowski assumir pasta

NOS ÚLTIMOS 12 MESES, A VIOLÊNCIA NO BRASIL

■ Aumentou ■ Ficou igual ■ Diminuiu ■ Não sabe ou não respondeu

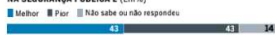


POB. VOTO EM 2022



O TRABALHO DE LULA EM RELAÇÃO A BOLSONARO NA SEGURANÇA PÚBLICA É (Em%)

■ Melhor ■ Pior ■ Não sabe ou não respondeu



A VIOLÊNCIA E O CRIME ORGANIZADO SÃO PROBLEMAS NACIONAIS OU LOCAIS? (Em%)

■ Nacionalista ■ De alguns lugares ■ Não sabe



A pesquisa foi feita em 2023 e foi divulgada presencialmente entre 20 e 26 de novembro. A margem de erro é de 2,2 pontos percentuais para mais ou menos. O peso da amostra é de 95%. Fonte: Pesquisa Nacional de Opinião e Segurança Pública (Quast/UFGM).

também determinou aos secretários de Segurança Pública, Mário Sarubbio, e de Políticas Penais, André Garcia, que elaborem políticas públicas para a área, em busca de uma marca.

— Estou aqui hoje como ministro da Justiça e Segurança Pública trazendo um recado do presidente Lula, que nos diz que o combate à criminalidade é uma das prioridades do governo — afirmou Lewandowski na passagem por Macéio.

Os planos vêm em paralelo a um momento crítico. No dia 14 de fevereiro, dois presos ligados ao Comando Vermelho escaparam da penitenciária federal de Mossoró, na primeira vez em que isso ocorreu no sistema carcerário gerido pela União. A operação de busca já dura um mês e meio, recheada de tentativas malsucedidas de contrólá-lo, ainda que uma equipe em torno de 500

acionamento do sistema.

Outra reclamação feita nos bastidores é que não teria ocorrido transição entre as equipes e que a fuga de Mossoró ocorreu enquanto a Secretaria Nacional de Políticas Penais estava sem comando. A área é considerada uma das mais sensíveis do ministério por gerenciar as cinco penitenciárias federais do país, que abrigam criminosos perigosos. A atribuição dos méritos do desfecho do caso Marielle à gestão Lewandowski também é contestada por antigos integrantes do time de Dino, que alegam que no final do ano passado a cúpula do Ministério da Justiça havia sido avisada que a investigação tinha chegado ao final, mas que dependia de trâmite judicial por envolver alvos com foro privilegiado. Também apontam como fundamental para o êxito da investigação a nomeação do atual superintendente da PF no Rio, Leandro Almada, nome que encontrou resistência em lideranças do estado, mas que foi bancado pelo ex-ministro Flávio Dino e por André Rodrigues.

Do outro lado, na nova gestão da Justiça, eventuais comentários negativos feitos não só por quem deixou a pasta como por integrantes do governo são encaradas com "naturalidade". Membros da equipe de Lewandowski costumam dizer que o ministro, que passou 17 anos sob os holofotes no Supremo, está acostumado a críticas públicas. Eles entendem que, embora alguns problemas tenham sido "herdados", não é o momento de apontar culpados, mas de buscar solucionar gargalos.

ARTICULAÇÃO NO CONGRESSO

Diferentemente de Dino, o atual ministro busca ter uma relação mais próxima com o Congresso. Já esteve com o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), logo que tomou posse, e teve um novo encontro com ele na terça-feira. O próprio ministro se movimentou junto ao deputado Alberto Fraga (PL-DF) para adiar sua convocação à Câmara para dar explicações sobre Mossoró. Também já recebeu os presidentes das comissões de segurança da Câmara e do Senado e mantém agenda aberta a parlamentares que atuam na área.

— A conversa foi muito boa, ele é gentil e educado. Coloquei a comissão à disposição para tratar de assunto de interesse da segurança do país. E ele, da mesma forma, se colocou à disposição, para quando precisasse ir a comissão — afirma o senador Sérgio Petecão (PSD-AC), presidente da Comissão de Segurança no Senado.